

— Ei, você tá focando no lugar errado. Você está prestes a morrer — disse Lu Mingfei, resignado. — Mas, vamos combinar, soltar referências de JoJo pra um dragão já é demais. — Eu não tenho medo de morrer. Só de ficar longe do meu irmão — Constantino olhou novamente para Lao Tang. — Minha morte vai libertá-lo das correntes. Ele me prometeu que, quando eu morresse, ele me comeria. — O destino dos Rejeitados é cruzar o deserto, erguer novamente a bandeira e retornar à nossa terra natal. A morte não é assustadora, é apenas um longo sono. Antes que eu possa devorar este mundo, prefiro dormir em paz a vagar sozinho. Nós ainda despertaremos. — A voz imponente de Norton ecoou através do tempo, chegando aos ouvidos de Constantino. — Que destino é esse? — Lu Mingfei murmurou, a voz trêmula, até que uma fúria afiada irrompeu nele. Ele gritou para Constantino: — Porra, você ainda não entendeu, Constantino?! Ele ergueu o braço e apontou para Lao Tang: — Tantos anos vivendo, e Norton nunca te comeu! Sabe por quê? — Mesmo em Bai Di Cheng, naquela situação desesperadora! Ele ainda assim não te devorou! Já parou pra pensar nisso? — Ele poderia ter mudado tudo se tivesse te comido! Mas preferiu dormir ao seu lado! — A morte... dói muito. Para sempre, na mais pura escuridão... como se você estivesse tateando no escuro, mas suas mãos nunca encontram nada... — Por milênios, só ele e você estiveram juntos. — A voz de Lu Mingfei baixou. — Ele só queria que você ficasse ao lado dele. — Você é o único irmão dele. — Lu Mingfei estendeu a mão e tocou o rosto pálido de Constantino. — Quem diabos iria querer comer o próprio irmão? Constantino ouviu em silêncio, demorando para responder. Por fim, perguntou: — Então... você vai nos ajudar? A mudar esse destino dos Rejeitados? Lu Mingfei olhou para o céu límpido. Naquela noite, não havia estrelas. A escuridão era absoluta. — Sim. Voltei justamente pra mudar isso. — Ele falou baixinho. Capítulo 47 - Cena 45: Irmão — Se o meu irmão confia em você, eu também confio. — Constantino fechou os olhos, como se tivesse tomado uma decisão importante. Lu Mingfei sentiu uma leve brisa em seu mar espiritual — era um fragmento da alma que Constantino havia separado. — Lu Mingze! — ele gritou. — Sim, senhor! — O diabrete sorriu, aproximando-se. — Pode deixar isso comigo. Eles bateram as mãos, e uma luz surgiu nas mãos de Lu Mingze. Com a outra mão, ele materializou um pequeno frasco e começou a murmurar: — Eu tenho uma caneta, eu tenho uma maçã. Então, fechou as mãos bruscamente: — Ahhh! Caneta-maçã! — Aff, você parece tão pouco confiável assim! — Lu Mingfei resmungou. — Relaxa — disse o diabrete, abrindo as mãos. Um casulo flutuou no ar, e Lu Mingfei podia ouvir o fraco batimento cardíaco vindo de dentro. — Obrigado — disse Constantino. — Mas ainda preciso proteger o meu irmão. Lu Mingfei suspirou. — Essa criança teimosa! Se quer sofrer, problema seu. Eu vou ficar aqui pra salvar suas costas. — [King Crimson]! — Lu Mingfei, num surto de surto de adolescente weeb, berrou. — Tempo, retome seu fluxo! — Irmão, você tá misturando as referências de novo — o diabrete abanou a mão, puxando Lu Mingfei de volta para a sacada e desfazendo a paralisação do tempo. No instante em que o tempo voltou a fluir, a Pedra do Sábio atingiu seu alvo como um raio! Sangue fervente jorrou do olho do dragão, e Constantino levou as garras à testa, soltando um rugido rouco. — Belo trabalho, Lu Mingfei! — Anre virou-se para olhar para o alto da igreja. Constantino bateu as asas membranosas, voando em direção à praça central de Odin, onde Lao Tang, atordoado, estava. Ao ver a sombra que se aproximava, Finre caiu de traseiro no chão, horrorizado. Nono, porém, teve os olhos invadidos por um dourado intenso — o Olho de Deus ativou-se sozinho, e ela viu um breve vislumbre do futuro! — Então é assim... — murmurou Nono, puxando Finre pelo braço. — Vaza! Esquece o Lao Tang! — Puta merda, ele é meu brother! Como que eu deixo pra trás?! — Finre debatia-se no ar, mas, mesmo com sua força, não conseguiu se soltar do aperto de Nono. — Trocar para munição real! — A voz de Anre ecoou em todos os rádios dos alunos. Ninguém pensou, nem precisava. Anre era o líder absoluto daquela escola. Centenas de armas foram carregadas, mirando Constantino, que planava na escuridão. O dragão pousou diante de Lao Tang. Às suas costas, centenas de balas foram engatilhadas, prontas para serem disparadas. Ele sabia o que estava por vir. Então, ele abriu as asas, como um grande escudo, envolvendo Lao Tang em sua proteção. O fogo cruzado iluminou o campus. Milhares de projéteis perfuraram o corpo do dragão. Sem seus poderes de controlar metais, ele só podia usar o próprio corpo como barreira. Os alunos recarregavam sem parar, até que os carregadores se esgotaram. Mesmo sob o bombardeio violento, Constantino permaneceu de pé,

inabalável. Que tipo de força descomunal era aquela? O último tiro ecoou, deixando o campus envolto em fumaça acre. Todos observavam a figura majestosa, ainda de pé, as asas abertas. Lao Tang, embora atordoado, estava plenamente consciente. Ele via a cena, via o rosto do irmão. Constantino estava dilacerado, como um cadáver crucificado. Seus ossos de dragão, mesmo resistentes, não eram nada sem seus poderes. As asas, agora esfaceladas, despedaçavam-se no ar. Ele já não brilhava mais. Tornara-se pálido, cinzento. Olhou para Lao Tang, sorrindo cansado: — Irmão... — Irmão... Se um dia você erguer sua bandeira e devorar o mundo... vai me comer? — Sim. Assim, você reinará ao meu lado. — Lao Tang respondeu, a voz carregada de dor e promessa. O velho Tang caiu de joelhos, agarrando a cabeça em agonia. A paisagem de Pai Di Cheng se desenrolava diante dele: pinturas de montanhas e rios penduradas na parede, utensílios de chá, pincéis e tinta, bandeiras de guerra esfarrapadas dançando ao vento. Imagens inexplicáveis surgiam diante de seus olhos. Tonturas martelavam seu crânio. Uma luz intensa banhava suas roupas brancas — não a luz do sol, mas do fogo. Nas chamas que lambiam o céu, a cidade gritava. Figuras humanas carbonizadas corriam enquanto milhares de flechas despencavam do firmamento. Um enorme letreiro queimava e girava no ar antes de desabar. Nele, podia-se ler: Pai Di. Era o inferno em carne viva. No centro da cidade, uma estaca alta se erguia. No topo, pendia uma criança, de olhos fechados, enquanto o fogo de toda a cidade a consumia. Como um sacrifício grandioso. Ele lembrou. O que o perseguia eram memórias. Ele arrancou os próprios cabelos, gritando em silêncio para o céu escuro: — Irmão! Tudo estava voltando. Durante esses dois mil anos, dormindo ou acordado, você só queria me encontrar. Mas quando me achou, eu já não lembrava do seu rosto. Quando finalmente me lembrei, você já estava morto. "Atravesse o deserto! Erga a bandeira de guerra! Volte para casa! Domine o mundo!" A fera presa no fundo de sua alma rugia de excitação, pronta para ser libertada. Ronald Tang ficou diante da jaula, o olhar vazio. Lentamente, ergueu a mão, e uma chave surgiu em sua palma. — Venha! Venha! Liberte-me! Toque fogo neste mundo! Você não vê as chamas da sua própria raiva? — A fera bufava, seus olhos cintilando com fúria. — Humanos insignificantes mataram nosso irmão! Não vai fazê-los pagar? Mostre a eles o poder do Bronze e do Fogo! — Por que hesitar? Você é eu! Eu sou você! Somos um só! Meu poder, minha autoridade suprema — tudo isso será seu! — A voz rosnavia. — Liberte-me e terá força apenas abaixo do Próprio Senhor. — Você não deseja o Fogo e o Poder? Mansões luxuosas, mulheres deslumbrantes, carros esportivos como o do Lu Mingfei, banquetes dignos de César? O cenário ao redor mudou. Um salão opulento, parecido com o Anfiteatro de Amber, teto adornado com relevos gregos. À sua frente, uma mesa de ébano, cercada por mulheres sedutoras. A fera bateu palmas, e garçons trouxeram pratos de iguarias exóticas. Uma das mulheres levou um pedaço à sua boca, com um sorriso doce. — Ou talvez isto. Outro batido de palmas, e o cenário virou praias tropicais de areia branca e mar azul, mulheres em biquínis mínimos alinhadas à sua espera, pernas torneadas, corpos esculturais. Homens bronzeados com óculos de sol agitavam garrafas de champanhe caríssimas, gritando seu nome enquanto o líquido dourado jorrava. Cenas tentadoras surgiam sem parar diante dele. — Não são maravilhosas? Tudo isso pode ser seu — a fera passeava pela jaula, os olhos ardendo. Ronald Tang — esse nome começou a se apagar em sua mente. O medo se alastrou. Ele respirava ofegante, o suor escorrendo. Não. Ele não podia esquecer. Era importante. De repente, uma porta se abriu. A luz invadiu o espaço, e uma figura familiar apareceu, acenando para ele com um sorriso caloroso e tímido. Lu Mingfei? Espera... quem era Lu Mingfei mesmo? Nidhogg? Um urso de cabeça grande surgiu, mas num piscar de olhos, se transformou num dragão negro imponente, sentado em um trono, as asas se abrindo como uma tempestade. A imagem de Lu Mingfei oscilava entre o urso e o dragão. Não, não era Nidhogg. Ele era Lu Mingfei — "Mingming" no grupo de StarCraft. Conheceram-se numa partida, quando o garoto ainda usava um mouse vagabundo. Só depois ele descobriria o quão bom Mingming era. — Com um talento desses, por que não vira pro? — ouviu-se perguntar. O rapaz sorriu, envergonhado, coçando a cabeça. — Se eu virar pro, quem vai salvar o mundo? Mingming era seu amigo. Ele acreditava nele. Acreditava que ele poderia salvar o mundo. Acreditava... que ele poderia guiá-los para fora do destino dos Rejeitados. Reparou então que Mingming não estava sozinho na porta. Havia também Fingal, o amigo que conhecera há pouco, mas com quem já sentia uma irmandade instantânea.

Fizeram um pacto de sangue no primeiro dia. Ambos amavam Burger King, adoravam passar horas em lan houses. Certamente teriam mais coisas em comum, se tivessem tempo. E a namorada de Mingming... Chen Motuo, era? Dava para ver que Mingming gostava dela, e vice-versa. Combinavam. Ele queria vê-los juntos até o fim dos tempos. Se casassem, ele e Fingal seriam os padrinhos. Se não tivesse madrinhas, tudo bem — ele mesmo faria o papel. Lembrou-se do passeio em Nova York. Foi um dos dias mais felizes de sua vida. Jogar StarCraft com Mingming e Fingal (mesmo tendo sido humilhado), depois ir a um restaurante chinês beber e zoar. E ainda empurraram Mingming a se declarar. Poxa, a garota já estava caidinha por ele, e o idiota agindo como um tronco. Sem nós, você nunca arrumaria namorada, hein? Por que tudo soava tão melancólico, como se ele estivesse prestes a morrer? Bem... se aquela fera fosse solta, ele morreria. Ou seria engolido. Mas ele não queria ser engolido. Ainda tinha tanta coisa para fazer. Ainda não tinha recebido os 5 milhões de dólares, ainda não tinha viajado pelas ilhas paradisíacas do Pacífico com suas praias de areia branca, águas azuis e pernas infinitas, ainda não tinha jogado mais uma partida de StarCraft com o Mingming, ainda não tinha conversado com o Fengel sobre seu tipo preferido de mulher, ainda não tinha levado todos para uma volta pelos Estados Unidos, ainda não tinha ido ao casamento do Mingming com aquela garota chamada Chen Motong... — Por que diabos eu tenho que desaparecer? — ele gritou para a fera. A criatura soltou um sorriso cruel. — Porque você sou eu, e eu sou você. Essa sua vida de algumas décadas não passa de um grão de areia no rio do tempo comparado aos incontáveis anos que eu vivi. E grãos de areia são levados pela corrente, não é óbvio? — Mas... eu não quero isso — ele murmurou, cerrando os punhos. — Quero me tornar humano. Não quero mais carregar o destino dos condenados. Não quero devorar meu irmão. Quero viver, junto das pessoas que importam para mim. Ele retirou a chave que já estava na fechadura, voltando ao momento da decisão. — Você não pode fazer isso! — a fera rugiu, desesperada. — Depois de tanto tempo tentando escapar dessa prisão, você vai desistir agora? Olhe ao seu redor, Ronald Tang! Não era isso que você sempre quis? — Então você sabe que meu nome é Ronald Tang? — Lao Tang riu, suas sobrancelhas desalinhadas tremelizando de modo cômico. — Eu sou Ronald Tang, e nada vai mudar isso. Virando-se com naturalidade, acenou para a fera e caminhou em direção às figuras do lado de fora da porta. Ao cruzar a soleira, ele se viu de volta no seu apertado e sombrio quarto alugado. O velho notebook sobre a mesa ainda estava ligado, a ventuinha zumbindo. Sentou-se diante da tela, onde o familiar menu do StarCraft piscava. [O jogador "Urso Trapalhão" convidou você para uma partida. Aceitar?][Sim/Não] Com mãos rígidas, segurou o mouse e clicou em "Sim" sem hesitar. — Se morrer for como ficar preso numa caixa preta, para sempre, na escuridão... — Então eu morro com você. — Depois de fazer tudo que quero.... Chamas intensas envolveram seu corpo, elevando-se aos céus. No alto, o fogo explodiu, como se asas se abrissem. — A cruz de osso de dragão — murmurou Anre, na torre da igreja, esvaziando seu copo de martini. — O verdadeiro Nidhogg, o Rei Dragão, finalmente revela sua face da fúria. Ouça seu grito... quanta solidão e dor acumuladas. Ele... não, ele está completamente revivido, com a alma de um mártir. — Anre, você sempre soube que cada um dos Quatro Monarcas Dragões é na verdade um par de gêmeos. Com suas habilidades, como não percebeu que aquele tal "amigo" do Lumingfei era o irmão que escapou do vaso de bronze oitenta anos atrás e caiu no deserto de Lop Nor? — Você poderia tê-lo eliminado facilmente, mas não o fez. O que exatamente você está planejando? — perguntou o velho vaqueiro.